



**Comunidade de
Aprendizagem**

**Este material foi elaborado
pelos concluintes da
certificação de formadores em
Comunidade de Aprendizagem
realizado em 2015.**

**TEMA: APRENDIZAGEM
DIALÓGICA E PRINCÍPIOS**



Comunidade de
Aprendizagem

Aprendizagem Dialógica: base para uma gestão eficaz da sala de aula.

Geraldo Magela

Resumo

PALAVRAS CHAVE:

aprendizagem; gestão da sala de aula; diálogo igualitário; dimensão instrumental.

Atualmente muito se discute sobre a atuação do professor em sala de aula e sobre a sua capacidade de conduzir satisfatoriamente o processo de aprendizagem. Os dois atores que participam desse processo em sala de aula, os estudantes e os professores precisam esforçar-se para conjugar todos os esforços possíveis para que um bom resultado seja alcançado, e isso não é possível senão pelo diálogo. Sendo, portanto, a aprendizagem dialógica construída a partir de princípios de igualdade e solidariedade, este estudo apresenta-a como base para a construção de uma gestão eficaz da sala de aula.

Introdução

Praticamente todo o comportamento humano é aprendido. De acordo com Campos (1976), “a aprendizagem leva o indivíduo a viver melhor ou pior, mas indubitavelmente a viver de acordo com o que aprende”. A aprendizagem é fundamental à vida, pois é por meio dela que o homem se afirma como ser racional, forma a sua personalidade e se prepara para o papel que lhe cabe na sociedade.

Atualmente muito se discute sobre a atuação do professor em sala de aula e sobre a sua capacidade de conduzir satisfatoriamente o processo de aprendizagem.

Diante disso, há que se refletir: que práticas são adotadas pelo professor em sala de aula? Elas têm foco na evolução intelectual do estudante? São planejadas, pensadas previamente ou são improvisadas? Os estudantes são ouvidos sobre as suas necessidades? Que espaços são dados a eles para expressarem as suas realidades, medos, frustrações, habilidades, angústias, revoltas, sonhos?

Na sala de aula dois atores participam desse processo, os estudantes e os professores, e ambos precisam lutar para conjugar todos os esforços possíveis para que um bom resultado seja alcançado, e isso não é possível senão pelo diálogo.

Assim, esta pesquisa justifica-se diante da necessidade de uma reflexão sobre a postura do professor ante o processo de ensino e de aprendizagem sobre o enfoque de uma gestão eficaz da sala de aula, isto é, da utilização otimizada do maior número possível de recursos com o intuito de que os estudantes aprendam tudo o que precisam aprender. Objetiva-se, portanto, com este estudo, a proposição da concepção de aprendizagem dialógica como um fundamento da construção de uma gestão eficaz da sala de aula.

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica tendo como principais fontes os livros Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información, escrito pelos pesquisadores da Universidade de Barcelona Adriana Albert, Ainhoa Flecha, Carme Garcia, Ramón Flecha e Sandra Racionero; Gestão do processo de aprendizagem pelo professor, da doutora em educação da Columbia University Heloisa Luck. Também foram consultados alguns livros de Paulo Freire.

O trabalho está dividido em três partes: na primeira é abordado o tema gestão da aprendizagem, apresentando definições e propondo que o papel do professor seja o de um gestor da sala de aula com foco na aprendizagem dos estudantes; no segundo momento é apresentada uma breve reflexão sobre a base dialógica da aprendizagem em Paulo Freire; e a seguir, na terceira e última parte, apresenta-se o conceito de aprendizagem dialógica e a sua utilização na gestão da sala de aula.

Desenvolvimento do trabalho

GESTÃO DA APRENDIZAGEM

A utilização adequada e otimizada do tempo de aula pressupõe que ele deve ser preenchido com processos pedagógicos corretos, com interações com os estudantes e com a construção de relações amistosas e afetuosas baseadas no diálogo, e não no autoritarismo; com atenção às necessidades dos estudantes; com escuta ao que as crianças têm a dizer para conhecer e compartilhar as suas experiências, assim como também aprender com elas. Eis algumas ações que podem ser vivenciadas dentro de um processo de gestão eficaz da sala de aula.

Nesse processo, o professor deve ser mais que um mero transmissor de conteúdo ou um fiel cumpridor das normas da escola. Ele deve sim, se lhe interessa a aprendizagem dos estudantes, gerenciar, baseado em modernos conceitos de gestão, o processo de ensino e aprendizagem.

Para Heloisa Lück, gestão de aprendizagem consiste em:

...trabalho de mobilização de energia, da motivação, do talento, de interesses e processos mentais dos alunos, para se concentrarem na observação, análise, comparação, integração de significados sobre os objetos de estudo e reflexão, como condição para sua formação e aprendizagem. (Lück 2014, p.45)

Entende-se que a gestão da aprendizagem é um processo em que o estudante está envolvido por inteiro e em todas as suas dimensões — a cognitiva, a psicomotora e a afetiva. Envolve a mobilização e a canalização da atenção dos estudantes, devendo neles ser estimulada a motivação, sobretudo para que possam aplicar seus talentos e seu potencial, mediante atividades de observação, análise, reflexão e construção de significados acerca de questões apresentadas em experiências pedagógicas.

Nesse contexto é que o professor deve empregar uma gestão eficaz da sala de aula, deve exercer um trabalho de liderança, mobilização e articulação de condições humanas, materiais e técnicas para que a sala de aula seja uma comunidade de aprendizagem onde os estudantes aprendam o máximo possível e desenvolvam sua capacidade de resolver problemas, de trabalhar em equipe, de organizar, significar e avaliar dados e informações, além de fazer bom uso dos bens culturais disponíveis.

Dessa maneira, a gestão da aprendizagem, baseada nos fundamentos da aprendizagem dialógica, apresenta-se como base para um novo modelo de gestão da sala de aula, onde o enfoque do processo ensino-aprendizagem seja o estudante e não o professor; e que o aprender seja mais importante do que o ensinar.

PAULO FREIRE E A BASE DIALÓGICA DA APRENDIZAGEM

Numa breve reflexão etimológica, temos que “Diálogo” é o resultado da junção dos termos gregos dia e logos, onde dia significa “através”, e a palavra logos, por sua vez, foi traduzida para o latim como ratio¹. Contudo, essa palavra tem vários significados, tais como “fala” e “verbo”. Numa compreensão mais antiga do termo, logos significa “relação”, “relacionamento”².

Desse modo, entende-se que o diálogo é uma forma de fortalecer sentidos e significados. Isto é, quando o praticamos, ele liga em vez de separar; reúne em vez de dividir. Assim, o diálogo não é um instrumento que leva as pessoas a defender e a manter as suas posições, como acontece nos debates, mas ao contrário: sua prática está voltada para estabelecer e fortalecer vínculos.

No livro Medo e Ousadia, O Cotidiano do Professor, que é resultado de um diálogo entre Paulo Freire e o professor Ira Shor da City University de Nova York, Freire sentencia:

“... dialogar não é só dizer “Bom dia, como vai?”. O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”. (FREIRE, 1986. p. 11, grifos do autor).

1. <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

2. http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091_politica_a_arte_do_dialogo_e_da_abnegacao. Acessado em 10 de novembro de 2015.

Por uma consequência mais do que lógica, na sala de aula, uma vez estabelecidas as bases dialógicas, o sucesso da aprendizagem é inevitável. No entanto, é de fundamental importância a premissa da liberdade.

Ademais, há ainda a questão da competência dialógica, ou seja, a capacidade do professor de estabelecer o diálogo. Quando se afirma que aos estudantes deve ser dada liberdade, não se está afirmando que o professor deve deixar a sala virar de pernas para o ar. O professor deve ser o moderador; o mediador do processo dialógico, é ele que deve fazer valer as regras. Todos devem ter liberdade, mas, principalmente, todos devem dar a mesma liberdade aos outros.

A respeito desse aspecto do exercício da dialogicidade, Paulo Freire afirma::

...uma experiência dialógica que não se baseia na seriedade e na competência é muito pior do que uma experiência “bancária”, onde o professor simplesmente transfere conhecimento.... Do ponto de vista dos estudantes, um professor dialógico que é incompetente e que não é sério provoca consequências muito piores do que um educador “bancário” sério e bem informado. (FREIRE, 1986.p. 54, grifos do autor).

Nesse contexto temos ainda as relações que são estabelecidas entre o professor e o estudante. Elas são de grande importância e as suas bases não podem fundamentar-se na autoridade de quem sabe mais e na humilhação de quem sabe menos. Elas devem ser construídas sobre alicerces de igualdade, de horizontalidade e de cooperação para uma construção conjunta de conhecimentos.

No diálogo proposto por Paulo Freire, as pessoas encontram-se para dizer o mundo, transformá-lo e melhorá-lo, e a sala de aula deve ser o primeiro laboratório para esse exercício.

APRENDIZAGEM DIALÓGICA E A GESTÃO EFICAZ DA SALA DE AULA

Aprendizagem Dialógica se produz nas interações que aumentam o aprendizado instrumental, que favorecem a criação de sentido pessoal e social, que são guiadas por princípios de solidariedade

e nas quais a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores. (Aubert, A.; Flecha, A., Garcia, C., Flecha, R., Racionero, S., 2008, p. 167)

Por suas características ligadas à valorização do ser e à construção de relações solidárias e igualitárias, a aprendizagem dialógica apresenta-se como ferramenta que auxilia na superação dos desafios que permeiam o bom êxito do processo de ensino e aprendizagem nas escolas, e cuja concretização é possível a partir de sete princípios: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças, dentre os quais, neste estudo, pretendo refletir sobre apenas dois: diálogo igualitário e dimensão instrumental.

A lista dos desafios que dificultam a aprendizagem por que passam as comunidades escolares é quase interminável, e vai desde a valorização dos profissionais da educação até a falta de estrutura das escolas, da falta de empenho dos responsáveis pelos sistemas de ensino até a pequena participação dos familiares na vida escolar de seus filhos — enfim, são muitos, mas quero destacar dois que dizem respeito à sala de aula: as relações pouco amistosas entre professores e estudantes e a falta de foco quanto a o que, para que e como ensinar.

Sobre as relações entre professores e estudantes, o fato é que são grupos concorrentes e, por que não dizer, inimigos. Essa relação, em algumas realidades, é de verdadeira beligerância, às vezes porque existe o uso exacerbado de um autoritarismo que não se justifica por parte do professor; às vezes porque o estudante não vê mais no professor uma referência, por isso não o respeita e o desafia constantemente.

Com o exercício do diálogo igualitário essa barreira pode ser superada. No diálogo igualitário entende-se que nenhuma ideia vale mais do que outra simplesmente pela posição de poder de quem a emite. Todas as ideias são respeitadas. Nessa perspectiva, as relações se dão de maneira horizontal, onde todas as pessoas têm as mesmas condições e oportunidades, e onde o desrespeito e o autoritarismo tendem a dar espaço à compreensão, ao cooperativismo, à solidariedade e à tolerância.

Acerca da falta de objetivo quanto a o que, para que e como ensinar, o que dizer? Quase 25% da população do Brasil é composta por analfabetos absolutos e analfabetos funcionais³.

Nessa sociedade da informação e do conhecimento é difícil prever o futuro de aproximadamente 50 milhões de pessoas. A indigência, o subemprego e a criminalidade são quase certos.

Ler, escrever, fazer cálculos e interpretar textos são algumas das competências que um indivíduo precisa ter a partir de certa idade e sem as quais ele não conseguirá firmar-se enquanto ser social. Assim, o acesso ao conhecimento instrumental, advindo da ciência e da escolaridade, é fundamental para a obtenção de um lugar nessa sociedade da competição, da informação e do conhecimento, e sem sombra de dúvida a sala de aula é o espaço mais legítimo para que esse conjunto de conhecimentos possa ser acessado pelas crianças, de modo que o professor, e não outra personagem, é o grande facilitador desse processo.

Concluindo, a ação do professor em sala de aula, embasada pelos princípios da aprendizagem dialógica, certamente irá auxiliar na construção de um novo entendimento sobre a aprendizagem, e com isso propiciar às crianças uma escola melhor, mais atraente e competente.

3. Dados da ONG TODOS PELA EDUCAÇÃO em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Adriana; FLECHA, Ainhoa; FLECHA, Ramon; GARCIA, Carme; RACIONERO, Sandra. Aprendizaje dialógico em la Sociedad de la Informacio. Barcelona: Hipatia, 2010.

CAMPOS, Dinah M. de Souza. Psicologia da Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho D'água, 1995.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LUCK, Heloisa. Gestão do processo de aprendizagem pelo professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo; Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf>. Acessado em 10 de novembro de 2015.

http://www.portalaz.com.br/noticias/geral/293091_politica_a_arte_do_dialogo_e_da_abnegacao. Acessado em 10 de novembro de 2015.



Comunidade de
Aprendizagem

Um ensaio sobre a relação entre Princípios da **Aprendizagem Dialógica** e histórias de vida

Bianca Miguel

Paper apresentado como requisito para obtenção de certificado de Formador de Formadores em Comunidade de Aprendizagem.

São Paulo, 2015

Resumo

O texto relaciona a concepção da aprendizagem dialógica e seus princípios a histórias de vida, evidenciando o papel da transformação das pessoas — suas práticas e atuações — como os geradores primordiais de uma transformação mais abrangente que se propaga no contexto escolar.

Para isso serão utilizados os relatos de experiências de três pessoas atuantes em uma escola do município de Tremembé (SP) — uma diretora, um voluntário e uma professora — e a incorporação dos princípios da aprendizagem dialógica em suas práticas.

OBJETIVO:

O objetivo do presente trabalho é estabelecer uma conexão entre os princípios da concepção da aprendizagem dialógica com as histórias de vida de pessoas envolvidas no projeto Comunidade de Aprendizagem de forma a demonstrar como estes são absorvidos e transformam as práticas, aprendizagens e atuações.

Como formadora do Projeto do município de Tremembé, selecionei relatos de três participantes desse processo de uma escola local: uma professora, um voluntário e a diretora.

Descrevo, então, como alguns princípios derivados da Aprendizagem dialógica — diálogo igualitário, inteligência cultural e dimensão instrumental — foram sendo incorporados por cada um e conduziram ao resultado expressivo alcançado pela escola, tanto na melhoria da aprendizagem e das relações como na conquista de voluntários.

A intenção é olhar para o resultado positivo da escola sob a perspectiva da mudança das pessoas condutoras do projeto, através do qual esse resultado se fez possível.

Introdução

Tremembé é um município situado na região do Vale do Paraíba, no cone leste paulista, com 44.912 habitantes. Estão ali situados também quatro unidades de Presídios Estaduais.

Em setembro de 2014, após terem conhecido e estudado os princípios e a base teórica de Comunidades de Aprendizagem ao longo de 20 horas de sensibilização, a equipe escolar e a comunidade de 12 escolas da rede municipal decidiram aderir ao projeto.

Concepção norteadora de Comunidade de Aprendizagem, a aprendizagem dialógica fundamenta-se e expressa-se por meio do diálogo igualitário e na interação mais diversa possível entre as pessoas, sendo tais aspectos essenciais para a construção de novos conhecimentos, além de promover relações mais solidárias.

Essa perspectiva de aprendizagem configura uma mudança importante na forma como se compreende a aquisição de conhecimento no contexto escolar e em outros contextos. Coerente com a sociedade atual, em que múltiplas e acessíveis fontes de informação estão ao alcance de todos, a escola como transmissora privilegiada de conhecimento perde seu lugar e deve buscar novas formas de ensinar baseadas no diálogo e na participação de todos os integrantes da comunidade escolar.

Na prática, essa concepção, que tem no diálogo e na interação seus pilares, realiza-se por meio de sete princípios¹.

1. São eles: transformação, criação de sentido, solidariedade, igualdade de diferenças, dimensão instrumental, diálogo igualitário e inteligência cultural – para efeito deste trabalho, os três últimos serão mais detidamente explorados.

Concepção que contrasta, portanto, com as unidades prisionais: nada menos dialógico e mais excludente do que o sistema prisional com o qual convive a cidade e as tantas crianças que estudam nas escolas da rede municipal, muitas delas com seu histórico de vida atrelado ao presídio com mães, pais ou parentes presos.

Cabe ressaltar que o objetivo principal da implantação do projeto é justamente a superação da exclusão social, que tem na exclusão educacional a sua principal geradora, cabendo para isso que as escolas possam cumprir plenamente sua função social ofertando um ensino de excelência, com altos resultados acadêmicos para seus estudantes.

A estratégia utilizada para o alcance dessas metas é a incorporação pela escola em sua rotina das Ações Educativas de Êxito (AEEs), práticas que possuem evidências científicas de resultados e que se apoiam nos princípios mencionados e na participação da comunidade no contexto escolar por meio de atuações voluntárias sem as quais as AEEs não se realizam.

Quando a decisão de implantar o projeto é tomada, são definidas as etapas em que cada um dos princípios mencionados será vivenciado e incorporado ao cotidiano da escola. No contexto de Comunidade de Aprendizagem, esse processo é chamado de fases de transformação².

Esse processo, no entanto, não é linear e algumas escolas ainda se ressentem da falta de voluntários da comunidade. Importante ressaltar que esse se apresenta como um dos maiores desafios do projeto, não apenas neste município.

Sendo assim, ainda que a Secretaria de Educação deste município apoie amplamente o projeto com a compra de livros, a formação de equipe escolar, o acompanhamento de uma equipe técnica especializada, a conquista e a fidelização de voluntários e a participação da comunidade na vida escolar — cabe à escola e às estratégias que adota a sua abertura para acolher as famílias e efetivamente dar-lhes lugar e voz.

Nesse sentido, o caso da Escola de Educação Infantil e Fundamental I Anna Queiroz merece ser destacado. A escola conta com mais de 20% dos pais atuando como voluntários.

Esse resultado só foi possível porque os princípios derivados da aprendizagem dialógica foram vivenciados e incorporados pelas pessoas, transformando as práticas e as atuações e sendo finalmente capilarizados pelas AEEs.

2. O cronograma de implantação prevê que ao longo de aproximadamente um ano as cinco fases de transformação – sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento — tenham sido realizadas e as AEEs estejam incorporadas à rotina escolar.

Cabe ressaltar que o objetivo principal da implantação do projeto é justamente a superação da exclusão social, que tem na exclusão educacional a sua principal geradora, cabendo para isso que as escolas possam cumprir plenamente sua função social ofertando um ensino de excelência, com altos resultados acadêmicos para seus estudantes.

A estratégia utilizada para o alcance dessas metas é a incorporação pela escola em sua rotina das Ações Educativas de Êxito (AEEs), práticas que possuem evidências científicas de resultados e que se apoiam nos princípios mencionados e na participação da comunidade no contexto escolar por meio de atuações voluntárias sem as quais as AEEs não se realizam.

Quando a decisão de implantar o projeto é tomada, são definidas as etapas em que cada um dos princípios mencionados será vivenciado e incorporado ao cotidiano da escola. No contexto de Comunidade de Aprendizagem, esse processo é chamado de fases de transformação .

Esse processo, no entanto, não é linear e algumas escolas ainda se ressentem da falta de voluntários da comunidade. Importante ressaltar que esse se apresenta como um dos maiores desafios do projeto, não apenas neste município.

Sendo assim, ainda que a Secretaria de Educação deste município apoie amplamente o projeto com a compra de livros, a formação de equipe escolar, o acompanhamento de uma equipe técnica especializada, a conquista e a fidelização de voluntários e a participação da comunidade na vida escolar — cabe à escola e às estratégias que adota a sua abertura para acolher as famílias e efetivamente dar-lhes lugar e voz.

Nesse sentido, o caso da Escola de Educação Infantil e Fundamental I Anna Queiroz merece ser destacado. A escola conta com mais de 20% dos pais atuando como voluntários.

Esse resultado só foi possível porque os princípios derivados da aprendizagem dialógica foram vivenciados e incorporados pelas pessoas, transformando as práticas e as atuações e sendo finalmente capilarizados pelas AEEs.

Desenvolvimento do trabalho

DIÁLOGO IGUALITÁRIO – A INSISTÊNCIA DE TRAZER A COMUNIDADE PARA DENTRO DA ESCOLA

Sempre que todas as vozes das pessoas participantes de um grupo são ouvidas e respeitadas, independentemente do status, posição hierárquica e lugar de poder que ocupa quem as profere — e a qualidade do argumento é o aspecto mais relevante para que uma ideia seja considerada —, está vivenciando-se o princípio do diálogo igualitário.

Num sistema escolar que se construiu alheio à participação da família, pensando na participação decisória, crítica, e não apenas informativa, construir um sistema de fato compartilhado com a comunidade se traduz numa mudança radical, que se inicia pelo genuíno desejo da gestão da escola em primeiro lugar:

A entrada da comunidade na rotina da escola propõe uma mudança de paradigma do funcionamento tradicional desta que se traduz num complexo aprendizado tanto da escola, que passa a compartilhar parte de suas decisões com a comunidade, como também da comunidade, que vivencia a mudança de uma participação apenas receptiva e informativa para outra de natureza decisória.

É a confiança, o acolhimento e a escuta qualificados da escola que permitirão a entrada ou não da comunidade. E aqui, os aspectos que mais contam não são aqueles do discurso explícito, mas os sinais subjetivos e simbólicos dessa abertura.

O cronograma de implantação prevê que ao longo de aproximadamente um ano as cinco fases de transformação – sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento — tenham sido realizadas e as AEEs estejam incorporadas à rotina escolar.

Paulo Freire afirma que a perspectiva da construção da aprendizagem dialógica é um desafio colocado para todos, uma vez que parte de uma nova premissa no contexto escolar, habituado como sistema a ser normativo e conteudista. Nesse sentido, crer que a mudança será possível e positiva é crucial.

Freire (2005, p. 93) no diz:

Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.

A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles.

Quando a comunidade escolar foi convidada a sonhar³, o processo transcorreu de forma ampla e coerente com a possibilidade e a necessidade de cada grupo.

Para os professores foi dedicado um horário de trabalho pedagógico (HTP); para os funcionários, uma reunião específica; para a coleta de sonhos dos alunos, os professores auxiliaram em classe, incluindo todos os anos até o infantil; e finalmente para os pais, lhes foram enviados, por meio dos alunos, bilhetes que explicavam a etapa e pediam que encaminhassem seus sonhos.

O mural, montado pela escola para expor os sonhos, ficou de fato carregado, mas daí ao engajamento para a realização desses sonhos o processo não foi tão imediato, e careceu de tempo e de muitas estratégias até que a participação da comunidade se consolidasse.

A diretora Letícia conta que organizou uma reunião de abertura de ano onde houve mais silêncio do que diálogo: “o primeiro chamamento para convidar voluntários resultou em zero de interesse”.

Nesse sentido, a fé na qualidade da participação da comunidade, que uma vez conquistada, traria renovação, e a perspectiva de dividir as questões e os desafios de escola, motivaram a diretora Letícia a buscar alternativas diante desse silêncio inicial.

Ela conta que uma mudança em si mesma se processou no dia em que convidou uma pessoa da comunidade para entrar. Conta ela que havia

3. Etapa inicial das fases de transformação, onde todos os integrantes da comunidade escolar registram os sonhos que têm para a escola, considerando o conjunto de aspectos que possa colaborar para que os estudantes alcancem os melhores resultados. Esse momento é essencial, é onde se constrói o sentido de mobilização e é tanto mais potente quanto mais participação tiver.

burburinhos em torno da escola, algumas pessoas ficavam na porta criticando o que supostamente aconteceria dentro dela.

Uma pessoa da comunidade bateu então à porta da escola certo dia dizendo que estava incomodada porque ouvira alguém dentro da escola gritando.

Nesse dia a diretora decidiu abrir as portas e convidar essa pessoa para entrar e conhecer a escola, e passou com ela pelas salas, onde não se confirmaram os gritos; explicou o funcionamento da escola e mostrou suas instalações.

Depois disso, os burburinhos cessaram e a diretora percebeu aí uma forma de lidar com as preocupações da comunidade: deixá-la entrar e conhecer a escola.

A partir daí começou, junto com a equipe escolar, a testar estratégias de aproximar a comunidade, conquistar e fidelizar um grupo de voluntários. Notou, por exemplo, que as reuniões maiores, no pátio, não resultavam em tanto retorno quanto as reuniões menores, com poucos pais, nas salas de aula.

“O acolhimento, oferecer um café bem cuidado, faz a diferença”, diz ela.

Sem dúvida, a forma como o espaço é preparado comunica de modo muito eficiente o quanto as pessoas são bem-vindas. Freire (2002, p. 25) diz: “A eloquência do discurso ‘pronunciado’ na e pela limpeza do chão, na boniteza das salas, na higiene dos sanitários, as flores que adornam. Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço.”

Outra estratégia bem-sucedida foi fazer uma simulação dos Grupos Interativos com os pais e as mães, que tiveram a oportunidade de viver a experiência, percebendo a potencialidade da atuação enquanto participantes.

E de estratégia em estratégia, o grupo foi encorpando e se fixando. Nesse sentido, não é suficiente apenas propor um espaço de fala, voz e ação para uma comunidade pouco ou nada habituada a tê-lo,

mas que a escola possa sustentá-los durante algum tempo, ainda que silenciosos, e ser paciente com a sua ocupação gradual, franqueando permanentemente novos espaços para que pouco a pouco as vozes possam povoá-los.

Letícia aprendeu a ser dialógica a partir desse exercício que se manifesta no ouvir, observar, fazer perguntas e estar aberta a receber as respostas.

Uma mãe que faz parte da equipe de voluntárias nos grupos interativos relatou:

“A repetição da diretora em convidar valeu. Ela pergunta sempre: o que você quer fazer? Quando pode fazer? Como quer fazer? E a escola oferece esse espaço.”

Letícia tem consciência de que as pessoas têm suas ocupações e que a escola deve estar aberta à participação de acordo com as possibilidades delas.

Hoje ela relata muitas contribuições das famílias e diz que construiu com elas uma rede de solidariedade e apoio com que conta para muitos outros aspectos, que vão além da participação nas Atuações Educativas de Êxito.

Atualmente são 22 voluntários atuando em diferentes frentes de forma efetiva e constante: são mães e pais engajados nos grupos interativos, uma comissão mista⁴ que luta pela construção de uma quadra para as crianças, uma mãe que está ajudando a organizar a biblioteca da escola e verificando o acervo de clássicos para novas Tertúlias, outra que ajuda a organizar o cronograma dos Grupos Interativos e faz a confirmação por telefone com as famílias, um pai que auxilia na parte de informática.

Os espaços abertos, silenciosos nas primeiras reuniões, estão agora povoados de vozes, mãos, ideias e talentos.

4. Duas das Atuações Educativas de Êxito, a primeira delas propõe atividades de interação heterogênea entre alunos e voluntários em sala de aula. As comissões, por sua vez, são grupos que se reúnem regularmente para a tomada de decisões e são compostos por diferentes atores da comunidade escolar.

INTELIGÊNCIA CULTURAL – SEU INOCÊNCIO: DA HORTA AOS GRUPOS INTERATIVOS

Aposentado, morador da comunidade, há algum tempo Seu Inocêncio não tinha muitas ocupações. Seus passatempos dividiam-se entre frequentar o bar vizinho e fazer a jardinagem de uma bem cuidada horta no quintal de sua casa.

A diretora Letícia, notando o talento de Seu Inocêncio para a jardinagem, convidou-o para desenvolver oficinas com as crianças no contraturno escolar. E Seu Inocêncio aceitou o projeto, demonstrando rapidamente a afinidade no trato com as crianças e na didática ao ensinar:

Estava, de toda forma, mais aproximado de suas habilidades trabalhando na horta quando foi convidado a participar também dos Grupos Interativos como voluntário.

Sem muitos conhecimentos formais, mas já empoderado de suas capacidades pelo sucesso de sua oficina de jardinagem, Seu Inocêncio aceitou novamente o desafio.

Diferentemente da grande maioria dos voluntários, ele não é pai, avô ou parente de nenhuma das crianças da escola, mas sua atuação como voluntário merece ser destacada.

Tem capacidade de observação ímpar das crianças e paciência que ajuda o grupo de que participa a focar na atividade, utilizando-se de sua inteligência cultural.

Esse princípio considera que todas as pessoas são depositárias de um saber construído em suas vivências e que a escola, como potencializadora de interações, deve abrir seus espaços educativos a diferentes contribuições, favorecendo assim o enriquecimento dos aprendizados dos alunos e dos voluntários mutuamente.

Sua forma de interação é coerente com o processo dialógico descrito por Freire (2006), “que não separa leitura do mundo de leitura da palavra, na abertura ao risco que pressupõe o diálogo”.

Para ele, esse lugar representou também a criação de novos sentidos para sua vida: percebia-se desmotivado e sem um propósito produtivo quando a perspectiva de atuar na escola surgiu, possibilitando-lhe não somente um lugar de atuação, mas também de reconhecimento por suas habilidades e talentos.

Os autores Constantino, Marigo e Moreira (2011, p. 60-61) afirmam que:

A aprendizagem ocorre ao longo de toda existência. Essa condição é enfatizada no princípio da transformação, a partir do qual se torna possível entender que, em situações de diálogo as pessoas aprofundam suas compreensões sobre si próprias e a realidade em que vivem, reconhecendo-se como sujeitos que podem atuar coletivamente e promover transformações históricas e éticas. Assim podem transformar o sentido de sua existência, superando situações de marginalização social e promovendo ações culturais com impactos sobre suas relações familiares, trabalhistas e pessoais.

A prática do voluntariado de forma consistente agregou conhecimentos ao Seu Inocêncio, que hoje está muito à vontade na atuação nos Grupos Interativos e em outras atividades da escola. Freire (1995/2005) afirma que “a dialogicidade supõe maturidade, aventura de espírito, segurança ao perguntar e seriedade ao responder”.

Ao longo de seu aprendizado e trabalho como educador, Seu Inocêncio foi ganhando confiança, apropriando-se de sua rica e vasta inteligência cultural, aprendendo a agregar a sua nova atribuição àquela já adquirida por seus anos de disciplinada e paciente atividade como agricultor; ao mesmo tempo em que viu sendo validada e reconhecida a sua atuação dentro de um espaço educativo.

Certamente ao ensinar a plantar as mudas na terra e ao reinventar seu lugar como alguém que promove mudanças positivas e possibilita as crianças a aprenderem mais, Seu Inocêncio elabora e pactua todos os dias com essa aventura.

DIMENSÃO INSTRUMENTAL – PROFESSORA MARY:

SOLIDARIEDADE E CONTEÚDO SERVIDOS JUNTOS

A dimensão instrumental diz respeito às aprendizagens dos instrumentos fundamentais para se operar e ser incluído na sociedade atual, como por exemplo a capacidade de ler, escrever, realizar operações matemáticas, dialogar, refletir, entre outras habilidades escolares.

A escola, nesse sentido, é o lugar a que, consensualmente, a sociedade confia o aprendizado desse conjunto de conhecimentos essenciais aos estudantes.

O cumprimento ou não dessa tarefa será o fator determinante para que os estudantes, sobretudo os menos privilegiados, acessem um novo patamar e possam realizar seus projetos de vida, ou, na sua ausência, reproduzir ciclos de pobreza e exclusão a que estão submetidos.

Dito isso, a educação de qualidade, que aporte suficiente conhecimento instrumental para todos os estudantes e não apenas para alguns, é uma orientação perseguida em Comunidades de Aprendizagem através das AEEs.

Os Grupos Interativos, uma AEE onde há uma reorganização de estudantes em sala, com grupamentos que favorecem a interação entre os alunos e são mediados por um voluntário, figuram como um recurso eficaz e viável de ser realizado em qualquer contexto.

No caso da Escola Anna Queiroz, os Grupos Interativos estão em funcionamento em todas as salas. Numa delas, a do quinto ano, alguns déficits vinham sendo acumulados desde o segundo ano e os Grupos estão sendo importantes no alcance de um nivelamento entre os estudantes da turma.

Nessa classe, quando a aula começa, os voluntários já estão lá — são cinco e dividem-se pelas mesas. Apesar de a maioria já conhecer o processo, a professora Mary faz questão de explicar uma vez mais a atuação e a função dos voluntários em cada grupo.

Sua aula segue ruidosa e produtiva, os meninos e as meninas

interagindo e se ajudando, explicando as atividades uns aos outros e indagando-se.

Ali o barulho das crianças falando é bem-vindo, corroborando a afirmação de Freire (2005, p. 90): “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.”

Os Grupos Interativos vêm acontecendo desde março deste ano e desde o início tiveram a adesão da professora, que se encantou com a atuação e os resultados que já vem sendo percebidos, tanto em relação ao desempenho acadêmico como também na qualidade das relações.

A diretora conta que no último simulado para a Prova Brasil, a professora prometeu presentear com balas os alunos com os melhores resultados. Depois que o resultado saiu, ela se deu conta de que terá muitas balas para comprar, já que grande parte dos alunos teve ótimo desempenho com vários deles inclusive acertando 100% das questões.

Muito evidentes também são os resultados sobre as relações — alunos com elevados problemas de concentração, muito inquietos nas aulas regulares, encontram foco e disciplina para resolver as atividades quando trabalham em Grupos Interativos.

O dialógico e o instrumental caminham juntos e cooperam mutuamente para os resultados da sala, possibilitando aos alunos os melhores resultados:

“Quando meninos e meninas trabalham em Grupos Interativos aprendem ao mesmo tempo matemática e solidariedade.” (CREA, 1999)

Considerações Finais

Munido de sólida base científica, chancelada pela comunidade científica internacional, e de AEEs que garantem resultados, poderia se assumir num sentido mais abstrato que o projeto Comunidade de Aprendizagem é capaz de produzir os resultados esperados simplesmente por meio do aceite da escola e de sua implementação.

No entanto, o que fica claro na vivência do projeto é que a base teórica deve ser convertida em prática viva das pessoas envolvidas no projeto para que a transformação da escola ocorra de fato.

Estudar e conhecer a base conceitual do projeto e acumular consistência teórica são um aspecto sem dúvida importante para que o rigor necessário à execução das AEEs seja assegurado.

Esse, no entanto, é apenas o primeiro passo de muitos outros em direção à construção de uma prática que se verifique de fato dialógica.

É apenas quando as pessoas são capazes de revisar sua atuação, por meio da incorporação dos princípios da aprendizagem dialógica, que a alma e a substância de uma Comunidade de Aprendizagem se realizam.

Os relatos dessas experiências conduzem à reflexão de que a incorporação dos princípios dialógicos opera primeiro no indivíduo por meio de um processo de autoeducação. Nesse sentido, somente quando me capacito e me educo é que me torno capaz de educar o outro.

Franquear espaços de diálogo igualitário e confiar na voz da comunidade, como foi relatado no caso da diretora Letícia, ou apropriar-se da própria inteligência cultural no exercício de se tornar um educador (como no caso do voluntário Inocêncio), demanda abrir-se, apreciar, rever-se, confiar; é, em última análise, um exercício de coragem muito profundo.

As estórias descritas mostram uma trajetória cada vez mais observável entre pessoas engajadas numa Comunidade de Aprendizagem, que corajosamente se abrem e incorporam os princípios da aprendizagem dialógica estabelecendo conexões umas com as outras, investindo na renovação de suas atuações e alcançando assim a melhor expressão de si mesmos na execução desse trabalho.

Assim como Paulo Freire (1997) observou, a “educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Cadernos de formação Comunidade de Aprendizagem adaptados a partir de materiais de formação do CREA – Instituto Natura.

CREA. 1999. Cambio Educativo. Teorías y prácticas que superan las desigualdades. Jornadas Educativas del Parque Científico. Organizadas por CREA y celebradas en

Barcelona los 21 y 22 de noviembre de 1999.

CONSTANTINO, F., MARIGO A., MOREIRA R. 2011. Bases para Educação e Transformação no Brasil. Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa – Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas – Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Multidisciplinary Journal of educational research.

FLECHA, R. 1997. Compartiendo palabras. Barcelona: Paidós.

FLECHA R., VARGAR J. 2000. Aprendizagem dialógica como “agente especialista”. Contextos Educativos 3, 81-88.

FREIRE, P. 1996. Pedagogia da Autonomia. Brasil: EGA.

FREIRE, P. 2005. Pedagogia do Oprimido. Brasil: Paz e Terra.